

## **PADRE JOÃO MOHANA E O OUTRO CAMINHO DA CULTURA MARANHENSE**

*Marcelo Antunes\**

[...] É possível porém, que justamente para eles resulte de algum modo escandaloso ver um problema estético ser tomado tão a sério, caso não estejam em condições de reconhecer na arte mais do que um divertido acessório, do que um tilintar de guizos que se pode muito bem dispensar ante a “seriedade da existência”... A esses homens sérios sirva-lhes de lição o fato de eu estar convencido de que a arte é a tarefa suprema e a atividade propriamente metafísica desta vida [...]. (Friedrich Nietzsche).

### **RESUMO**

Apresenta aspectos da vasta obra do escritor maranhense Padre João Mohana, no que concerne à sua tenaz contribuição para a discussão contemporânea em torno do estado de decadência em andamento na Educação e na Cultura do Maranhão, em sua proximidade com a reflexão proposta pelo filósofo contemporâneo Martin Heidegger.

Palavras-chave: Arte. Mohana. Heidegger. Decadência. Vanguarda. Modernidade.

---

\* Mestrando em Filosofia PUC-Rio. Professor da Universidade Federal do Maranhão e do Instituto de Estudos Superiores do Maranhão.

## ABSTRACT

It is presented aspects of vast work of maranhense writer priest João Mohana concerning to his tenacious contribution to contemporary debate about the decadence in course in Education and Culture of Maranhão, in nearness to reflexion proposed by contemporary philosopher Martin Heidegger.

Key-words: Art. Mohana. Heidegger. Decadence. Avant-garde. Modernity.

## 1 O PENSAMENTO E A AÇÃO DE UMA ÉPOCA EM QUESTÃO

Em entrevista concedida à revista *CULT* o poeta maranhense Ferreira Gullar tornou exposta uma das principais fissuras por onde se define o questionamento nas assim chamadas Ciências Humanas. Passando a limpo a postura de toda uma geração o poeta reexamina o modo de pensar da sua época, através das questões a ele impostas em seus respectivos engajamentos. Nesta entrevista, em que trata da questão também contemporânea do fim da vanguarda, aquela geração tem sua perspectiva revista principalmente no que se refere à compreensão em que se define a dimensão sócio-política para a maior parte do mundo acadêmico do século XX, confrontando os posicionamentos da vanguarda e da arte engajada, o poeta relembra sua posição adotada no livro *Vanguarda e subdesenvolvimento*. Sua revisão coincidirá com a revisão do discurso que não sustentaria mais tarde as forças rebeldes de uma juventude que, na atualidade das reflexões sobre o golpe militar, nos enche de saudade.

De um lado temos a perspectiva vanguardista, que já é por si uma perspectiva artística engajada, por outro o posicionamento da arte engajada, que o poeta passa a defender e mais tarde revisar, sua conclusão da maturidade acena para o caráter ingênuo com que era colocada a discussão político-econômica em sua época revolucionária: "Por um lado, havia o reconhecimento de nossa

ingenuidade política ao acreditarmos que íamos fazer a revolução. Por outro lado eu aprendi que a realidade social é tão ou mais complexa do que a estética". (CULT, 2002).

Sua preocupação toca em um dos principais problemas de que se ocupa o pensamento das Ciências Humanas no momento contemporâneo: a postura acadêmica moldada pela referência histórico-dialética, referência que orientou teses, monografias e corações ao longo de todo o século XX, de que como Ferreira Gullar, todos nos orgulhamos das lutas até hoje travadas pelos excluídos, da dor de sua geração, que dos porões da tortura nos irradiarão por muito tempo entusiasmo e sonho, encontra na atualidade deste questionamento uma revisão inadiável.

Transpor a condição histórica tem sido o traço mais marcante com que a vida dos grandes homens toca e convoca seus companheiros de existência. O entremeio das décadas de 50 e 90 do século XX compõem a realidade da qual se lança à história a vasta obra do Pe. João Mohana. Simultânea a esta sorte, esta época é também caracterizada pelo auge da mentalidade a que o poeta encaminha sua revisão, tanto no ambiente acadêmico laico como nos seminários, este momento se caracteriza pelo predomínio das correntes advindas do materialismo dialético. Soará a este momento como burguesa qualquer tentativa de compreensão dos problemas sociais que não tenha sua origem nestes fundamentos economicistas. O entendimento da realidade pela via social se impõe como o centro das atividades intelectuais, se quiséssemos constatar esta afirmativa, bastaria consultar os títulos dos trabalhos desenvolvidos ao longo deste período, no ambiente universitário, vive-se neste momento um pensamento insular, cercado de política e economia por todos os lados. Das inesquecíveis canções de Chico Buarque, Ednardo, Caetano Veloso, às manifestações e presença das universidades nas ruas guiadas pelo maio parisiense,<sup>1</sup> a questão inaugurada por Marx segue ocupando com o seu

---

<sup>1</sup> Manifestação promovida pela juventude universitária francesa em maio de 1968, com repercussão no espírito universitário de todo o mundo.

convincente percurso o centro da cena intelectual de nossa época.

A partir do grande Concilium Vaticano II, e no caso específico da América Latina, dos documentos de Medelim e Puebla, a questão político-econômica determina também como urgência a atenção à leitura revolucionária, e facilmente tem-se identificado o projeto de libertação espiritual ao mesmo projeto, tomando o mesmo homem, morador da realidade, determinante dos caminhos da instituição. Contribuição que tornou a Igreja Latino-americana um dos principais instrumentos de libertação com que conta sua sofrida história de opressão, atingindo mesmo o nível de principal instituição politizadora e formadora da consciência de luta e resistência que, apesar do domínio que parece interminável da desigualdade e da injustiça a ele contrapõe o reino de Deus.

Nos cursos de ciências humanas como nos seminários, respira-se a dialética marxista. Neste ambiente de lutas e conscientização, qualquer manifestação do pensamento que escape às definições de cunho social ou político soará como atitude burguesa. Este momento histórico se define: por um lado - pelo processo de alienação em andamento, a implantação definitiva das ideologias de consumo e de defesa do projeto de domesticação democrático-liberal. Neste contexto falar de arte e beleza implica considerar quem as vende (shopping), ou na sua consequência imediata, quem as compra, as consome, com ela se entretém e se distrai; se distrai da existência, e precisa acionar assim outra possibilidade de consumo, a terapêutica, como quem busca a cura das doenças desencadeadas nos processos anteriores - por outro a compreensão da realidade encontra-se submetida à interpretação historicista, que mantém sob seus auspícios os conteúdos das monografias e das mentes e se ocupa em expulsar de sua companhia qualquer reflexão que não se constitua, direta e mecanicamente, parte do seu projeto revolucionário.

## 2 IGREJA E FILOSOFIA

Este encontro de caminhos entre a perspectiva acadêmica, com as suas frutíferas conseqüências ao longo do século XX, perpassam inegavelmente a ação pastoral católica. Esta segunda Instituição, que por sinal é criadora da primeira, comunga sua orientação teórica em conjunto com sua filha espiritual. As instituições além de conduzirem sua forma de pensar e sua atitude estrutural orientadas pelos seus fins últimos, carecem na realização desses fins de um instrumental que atualize e justifique sua compreensão, junto ao seu tempo da problemática com que se depara e em que se define seu caráter institucional. Neste sentido a relação da Igreja Católica com a filosofia, ou a comunhão entre pensamento teológico e filosófico deve ser considerada para além do mero complemento intelectual. Não se trata de uma visita à filosofia como propedêutica ou como fonte de explicitações meramente para fins de erudição, este relacionamento se confunde com a própria história do mundo ocidental, além de salvaguarda dos textos gregos a Igreja Católica é a Instituição responsável pela constituição do continente europeu, e conseqüentemente pela instauração de um projeto civilizatório que na atualidade assume dimensões planetárias.

O drama da existência humana, sua realização a produção da sua história confunde-se no tempo com a história das religiões, assim como a história da filosofia. Pensamento, existência e fé encontram-se ligados para além do que pode dar conta o mero projeto pedagógico ou tecnológico de compreensão desta aproximação em andamento na maioria de nossas universidades, resumidas à qualificadoras de profissionais. A “Cidade de Deus” e a “Cidade dos homens” constituem o nosso modo de “*estar aí*”, já dizendo isto de um dos mais prováveis lugares de onde provém as coisas a serem ditas, da obra de um pensador. Entre as explicações da existência pelo

sobrenatural de antes da civilização helênica, ao sobrenatural da cultura após os acontecimentos da Grécia antiga interpõe-se o pensamento racional que por sua vez, se constitui desde a origem como metafísica, por ela encontrando explicações, a partir dela montando seu entendimento de si. Portanto o diálogo entre estas duas áreas da existência humana articula-se para muito além, também, da noção de interdisciplinaridade de que fala a atualidade do discurso acadêmico. O serviço prestado pela filosofia, ou pelas ciências à teologia encontra-se definido pela noção mesma de verdade em que se regula a passagem humana por este mundo. Os exemplos são do número da contagem dos feitos históricos e das revoluções sociais, dos quais quero mencionar como destaque estratégico do sentido deste texto a montagem da concepção moderna de mundo, advinda da teoria heliocêntrica, datada de uma época em que ainda não estavam erigidos os muros que separam física e filosofia.

A Igreja da época em que o Pe. João Mohana torna-se um dos escritores mais lidos do país, representa bravamente este ideal de conquista da justiça social. São inumeráveis as atividades na América Latina ligadas ao engajamento cristão às lutas e à resistência popular, sua determinante influência na consciência de luta e libertação das camadas populares pelo mundo inteiro, com destaque definitivo para o nosso lado da América, entretanto, em seu caráter de universalidade, existem no seu seio posicionamentos diversos, sua maturidade milenar sabe dar ouvidos tencionados dialeticamente a outros caminhos.

O seu trabalho pastoral consiste nesta ampla atividade de compreensão desenvolvida pela Igreja no mundo, atividade esta que envolve diretamente as esferas da existência conceituada pelos gregos como: *ethos* e *práxis*, conceitos que indicam nossa ligação e imersão na cultura e que constituem toda ação consciente a partir dela. Dentre a multiplicidade de exemplos que teria à disposição, quero distinguir o que encontro na obra deste escritor, esteta e

sacerdote maranhense, autor de uma obra que se estende por mais de quarenta títulos entre romances, peças de teatro e ensaios, nos quais, assim como o desenrolar de sua história pessoal, consistiu em uma luta promotora de encontros, de entrecruzamentos de caminhos: do médico que se tornara por proposição e exigência do seu pai (conferir a comparação entre a sua bata de médico e sua batina de padre relatada em seu livro *Plenitude Humana*, intitulada: “carta de amor à minha batina branca”), ao grande sacerdote que se definira desde a tenra e já produtiva idade; da premiada e reconhecida carreira de romancista que iniciara ainda jovem à carreira de escritor da família cristã, de prolífero pregador do evangelho em mares literários. Da submissão da sua ótica romanesca à dimensão escatológica e teológica que assumiram seus livros, das teorias de estilística e encantamento literário aos encontros com Freud e Victor Frankl na psicologia, e que teve como sua principal aliada em sua pregação da palavra escrita e falada, ou ainda de encontros menos possíveis à cegueira intelectualista contemporânea, como entre o filólogo e filósofo Friederich Nietzsche e da fenomenologia com os papas Paulo VI e João Paulo II.

Excederia as dimensões propostas para este artigo o exame mais cuidadoso destes encontros teóricos extremamente vivos, no campo da psicologia, sua maior fonte de investigação assumia uma postura de síntese, em que conjugava com eficácia teorias como a psicanalítica e a logoterapia de Victor Frankl. Ambas as teorias que questionam com profunda radicalidade as noções de consciência e subjetividade inauguradas na modernidade. Ao mesmo tempo em que estas leituras guiavam suas orientações e atividades no campo da psicologia, sua menção constante à fenomenologia ou mesmo às análises da escola de Frankfurt, fonte de conceitos pela qual um dos seus principais livros: *Plenitude Humana*, examina a vida moderna, expõem uma fundamentação intimamente comprometida com o discurso filosófico contemporâneo.

A sua apresentação da vida do apóstolo Paulo, em: *A Cristo por Paulo* (1985), reforça este argumento, demonstrando, como em diversos outros momentos da sua obra, a proximidade que mais interessa à composição da tese deste artigo. Naquele livro o padre explicita a substituição da perspectiva histórica, relativa à historiografia tradicional, pela noção de *historial* (termo que aparece com grifo do autor na referida obra) desenvolvida na filosofia de Heidegger, envolvendo este que indica mudança de perspectiva em uma das disciplinas mais decisivas na formulação das indagações da filosofia contemporânea, a história. Comprometimento que também pode ser percebido quando pôs em andamento o conceito de autenticidade (um dos termos conclusivos na principal obra de Heidegger: *Ser e Tempo*), com muita propriedade transportado para o cristianismo, e para a formação conceitual do movimento jovem do qual fora orientador espiritual por dezessete anos (JUAC – Juventude Universitária Autêntica Cristã).

Com efeito, a centralidade do papel desempenhado pela psicologia na obra do Pe. Mohana de modo algum ofusca seu comprometimento com a fundamentação filosófica, o entusiasmo de fogo daquele que foi um dos maiores oradores sacros de todos os tempos, esteve sempre associado ao fato de que ele tenha acionado junto a sua literatura e pedagogia bíblica, a compreensão filosófica, tanto em sua possibilidade de crítica social desenvolvida pela dialética quanto a noção de ontologia, epistemologia e método que o seu contato com os arquivos fenomenológicos da universidade de Louvain na Bélgica o conduziam. Entretanto pela estreiteza do que aqui pôde ser mencionado, e lembrando do imenso número de vínculos aqui incabíveis, pode ser destacado apenas um aspecto no que se refere ao comprometimento hermenêutico de sua obra, qual seja sua crítica e seu lamento quanto ao estado de ausência relativo ao caráter pedagógico-edificador contido na formação artística da educação brasileira, e

mais especificamente no estado do Maranhão. O contagiante entusiasmo, advindo da fé, com que trabalhava o Pe. João Mohana não escondia o exame crítico com que seu olhar se dirigia à realidade de decadência que envolve o terceiro mundo, em especial a decadência mais explícita, a que estados como o seu, tomados ao avesso, foram tornados periféricos nas modificações do processo produtivo, na dança injusta dos ciclos econômicos, em que a cultura do Estado do Maranhão sucumbiu à assustadora possibilidade de sua única fonte de orgulho consistir na admiração ante os escombros e ruínas deixados como *souvenirs* deste processo.

Em conferência proferida por ocasião do lançamento da missa solene do compositor maranhense Antonio Rayol, gravada por professores e alunos da Escola de Música do Maranhão em março de 1982; contida na mais importante obra de pesquisa musical empreendida no Brasil (1974), o padre pesquisador torna explícita sua preocupação, que é comum à intelectualidade contemporânea. Acompanhando a perda que a sua descoberta fez revelar, na qual resgatou dos escombros de nossa história 1.416 músicas compostas entre o final do século XVIII e início do século XX, paira o fantasma evidenciado por esta revelação. Quem seria o responsável pelas pás de terra sobre um patrimônio de tamanha significação? Qual seria o por quê deste abandono que corta nossas esperanças turísticas e culturais com sua insidiosa pergunta? Sob este sentido nossa visitação às ruínas dos casarões de São Luís e Alcântara ganha nova tonalidade, uma confusa tonalidade que poderia ser a mesma de inúmeras cidades da América Latina corroídas na alma e no tempo, esta indagação pode agravar-se ainda, se considerarmos outras cidades do mundo mais antigas e que, entretanto, não sofreram tal processo em que o abandono e a indigência se converteriam no motivo de sua exploração turística. Uma síntese do seu sentimento pode ser percebida no seu comentário sobre o fechamento da Escola de Música do Maranhão em 1947:

Nenhuma medida afrouxou a corda, aliviou a asfixia, barrou o fim. A morte vinha a galope, amazona malvada, montada no tempo, seu cavalo feroso. (MOHANA, 1974, p.112)

Denunciando a decadência cultural do estado e da cidade que escolheu para viver e como base de onde lançar seu apostolado literário, o Pe. Mohana nos instiga à uma profícua investigação por um caminho que certamente nos conduzirá à consciência de que na perda cultural está contida uma íntima perda de nós mesmos. Atento à teologia da libertação que marcava a Igreja em que trabalhava, atento às questões sócio-econômicas que, conforme declara nesta conferência se colocam como fatores determinantes desta decadência do momento histórico do seu apostolado, o Pe. Mohana, entretanto, considerava, com muita veemência, o processo mais amplo no qual se envolve esta problemática. Sua postura de síntese ao mesmo tempo que indicava sua tendência para afastar-se dos sectarismos e partidarismos com que são colocadas estas questões no meio acadêmico de sua convivência, indica simultaneamente a independência intelectual de quem não se acha convencido, somente pelas perspectivas das teorias deste mundo, das possibilidades de superação imediatas tão prometidas nestes tempos. Talvez com isto estivesse independente das amarras ideológicas revolucionárias que à filosofia de Heidegger soarão como justificativa teórica de uma falsa oposição, como compreensão deslocada dos elementos mais fundamentais em que se resolve o que aí está constituído como social, político e econômico.

Assim, por um lado a sua percepção concordará com a versão sócio-econômica no exame da decadência espiritual, porque passara este estado, que no início do século XX, precisou somente de cinco dias para compor uma orquestra, formada por músicos locais. Por outro sua

busca pelas partituras resgatadas por vinte e três anos de pesquisa, como ele mesmo classificava: de *raça e luta*, consistirá em uma das mais radicais lutas pelo resgate da consciência artística de um povo e irá concordar com uma tendência do pensamento contemporâneo, cujo questionamento tem como um dos principais desdobramentos uma reflexão estética sobre a verdade, pelo seu modo de instauração através da cultura e pelos esquecimentos de que também é feito este percurso, em especial o esquecimento do *Ser* trazido à tona na obra do filósofo Martin Heidegger (1898 – 1976), em cujo esboço se fará perceber nossa relação esquecida com a arte.

Será adiada aqui, pelos limites impostos pela dimensão deste texto, a problemática da atenção à cultura popular que, do modernismo brasileiro aos nossos dias nos conduz aos bumbas-meu-boi e às demais manifestações, cujo exame exigiria toda uma atenção às críticas ao caráter mercadológico e planificador que acompanha a divulgação midiática desta verdade cultural; bem como também está adiada para um segundo momento a discussão em torno do título concedido à população maranhense, que teve a sua capital tombada como patrimônio histórico. Que os baiões e os xaxados, como os sambas e as sinfonias e os concertos para clarinete e outros, não tenham sido executados com dignidade até hoje, como esperava o Pe. Mohana, como o que a sua alta *esperança aguarda* (entrevista ao Jornal O Imparcial do dia primeiro de novembro de mil novecentos e oitenta e um), contribui para a sua denúncia desta decadência. Enquanto nós aguardamos o início dos trabalhos de execução de “suas” músicas por musicistas maranhenses, e mais ainda a fabricação destes, podemos refletir sobre o significado desta denúncia. Ainda que o Maranhão não tenha lhe correspondido, nossa pedagogia ou nossa contra-pedagogia pode contar com o poder de investigação e crítica de uma das mais radicais lutas travadas em nosso estado contra o estado de miséria a que chegou a nossa consciência cultural e artística.

### **3 O DEBATE ATUAL: o advento da *produção capitalista* ou crise do *moderno*?**

A subsunção quase que por completo da perspectiva pedagógico-educacional a objetivos mercadológicos e profissionalizantes, não ofuscará, ou mesmo servirá de ponto de partida a que esta crítica tenta aproximar. Compreendendo, em si, esta problemática local. Uma indagação maior contém nossas preocupações com a cultura, bem como nossa auto-crítica histórica, no campo da filosofia contemporânea esta indagação assume a partir de Nietzsche uma direção inusitada. Como leitor do que a fenomenologia articulava de mais contemporâneo, e como crítico tenaz do estado de coisas a que sucumbia a sua terra a obra do Pe. João Mohana constitui-se uma fonte poderosa de orientação das pesquisas acadêmicas e de estímulo à dimensão de sereno combate que esta filosofia insinua.

Ainda que as Universidades tenham sido no momento contemporâneo um dos principais alvos do mundo globalizado, que o seu silêncio associado ao lento processo degenerativo a que esta antiga Instituição vem sendo submetida diante do mundo da qualificação profissional, suas atividades a definem ainda como principal sede da compreensão e do dimensionamento reflexivo em que se faz a sociedade. Seus seminários, seus encontros e realizações ainda se constituem como uma das últimas instâncias em que o livre pensamento ensaia a formação das consciências e exercita a importância em que se coloca a reflexão no mundo; o seu interior, mesmo que se considere aqui apenas uma minoria quantitativa no universo geral das academias, ainda abriga a fecundidade das reflexões e esperanças com que as chamadas Ciências Humanas e o pensamento filosófico buscam nos mostrar compreensão. Gostaria, portanto, de acrescentar mais uma ponte a minha argumentação, a que liga a luta pelo resgate do espírito cultural e artístico, perdido por estas bandas, à

questão central da investigação da mais recente semana teológica promovida pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão (IESMA), cuja centralidade das suas problematizações motivou alunos e professores em torno do debate sobre a noção de modernidade.

Conduzidos pelo seu principal conferencista, o Pe. Agenor Brighenti, o tema desta semana nos remete diretamente a questão dos novos paradigmas ou nas novas indagações surgidas em simultaneidade com um dos seus momentos mais perplexos e complexos de sua história. Aproximando a temática da modernidade e sua possibilidade de superação dos novos caminhos a serem tomados pela Igreja da atualidade, os participantes desta semana foram conduzidos à atmosfera de reaproximação entre a pensamento teológico e a hermenêutica filosófica, ou seja, um dos desdobramentos últimos a que tem sido conduzida a reflexão filosófica de nosso tempo. Arrefecidos ou esgotados os ânimos revolucionários, as Ciências Sociais neste início de milênio nos comunicam a perplexidade de que se compõe sua incapacidade de reflexão deste momento. A Igreja do futuro e o futuro da Igreja”, podem ser extraídas algumas sínteses da questão em andamento:

Não é só a Igreja ou as religiões que estão diante de uma encruzilhada. Há, ao nosso redor, uma crise holística uma crise epocal, de paradigmas, das utopias, dos metarelatos etc..., que obriga as instituições em geral, incluídas as religiões, a re-situarem-se no novo cotexto, a re-elaborarem sua auto-compreensão e sua compreensão de Deus e do mundo. (BRIGHENTI, 2002, p. 5).

Não resta dúvida aos olhos das ciências humanas a urgência com que esta é provocada pela situação de crise em que se define o momento atual, precisamente agora no entrecruzamento dos séculos XX e XXI a realidade parece

exigir outro nível de atenção, outra possibilidade hermenêutica. Ao que parece ao mercado editorial, a atenção da atualidade acadêmica tem sido ampliada na direção dos autores que guardam a escuta do seu pensar à momentos mais fundamentais em que se constrói a realidade contemporânea, a esta centralidade serão conduzidas noções como: *moderno e arte*; às questões decisivas dos posicionamentos anteriores, filósofos como Nietzsche, os fenomenólogos e Heidegger acrescentarão a vertigem da reflexão sobre os seus fundamentos. Em seu livro *O fim da modernidade*, o filósofo contemporâneo Gianni Vattimo situa nestas filosofias os fundamentos da questão lançada, agora com tanta unanimidade nos debates acadêmicos, à modernidade, na sua opinião a condução da questão nas obras desses autores nos acostuma a pensar, não mais pela estrutura econômico-social que a partir da filosofia moderna sustenta o projeto civilizatório ocidental, senão por um desvio que encontrará nos *princípios* que definem o ordenamento planetário, em sua decisão onto-epistemológica, o seu novo sentido.

Em seu texto, linguagem e estética constituem-se os momentos decisivos para os quais aquelas duas filosofias indicam caminho, em suas voltas às origens querem promover o reencontro do pensamento que organiza tecnicamente o mundo em seu sentido primeiro, em sua coincidência com o logos (sentido, palavra), e com o que dele houvera sido feito a partir do renascimento. Com efeito, a outra via encontra a filosofia de Martin Heidegger como direção, sua perspectiva deslocará o entendimento do século XX como estágio de um ancestral destino, decidido em instâncias pouco consideradas ao longo da filosofia tradicional, e descobrindo no modo de compreensão do ser uma reorientação definitiva do sentido do pensamento. A modernidade não mais será questionada pela estrutura do seu processo produtivo, mas na sua montagem onto-gnosiológica, em que se constitui a noção de subjetividade. Ao longo de uma vasta obra este laço

descrito pela sua filosofia, em seu compromisso com a subjetividade moderna, perpassa uma maneira nova de compreender a constituição do pensamento ocidental, cuja interpretação terá como um dos pontos culminantes a dominação planetária da técnica.

Da sua primeira e central obra, que nasceu como propósito de contribuição à pesquisa acadêmica: *Ser e Tempo*, aos desdobramentos últimos após a *Khere* (viravolta) ocorrida na sua leitura, o marcante modo de pensar heideggeriano encontra compromissos do pensamento e da verdade com a perda do sentido originário em que se definia a relação do homem com a arte. A subjetividade moderna será interpretada à luz ou sob a sombra do sentido do ser reinterrogado em sua filosofia, que menciona nexos explicativos, cuja complexidade será medida pelo novo comprometimento em que se define a constituição do social e do histórico, sua dificuldade deverá ser proporcional ao abandono em que nos encontramos de teorias explicativas que nos movam novamente como ideais revolucionários. Arte e política compõem simultaneamente o grau de complexidade a que também estarão submetidas às soluções das injustiças e dos abandonos em que pode se encontrar a existência humana. Em entrevista concedida a Richard Wisser, quando do seu octogésimo aniversário, Heidegger expõe uma possível visão sintética em que se apresenta este novo modo de indagar nossas origens:

Não falo na história do declínio, mas somente do destino (*geschick*) do Ser na medida em que ele se retira cada vez mais em relação à manifestação do Ser entre os Gregos - até que o Ser torna-se uma simples objetividade para a ciência e, hoje, um simples fundo de reserva (*Bestand*) para a dominação técnica do mundo. (WISSER, 1996, p.13).

O olhar crítico lançado para a cultura do Maranhão

pelo Pe. João Mohana, como a profundidade em que se reindaga a modernidade na filosofia de Heidegger, quer servir, ao momento contemporâneo dos seminários, como da Igreja, como dos cursos da área de humanidades, de uma entusiasta convocação à extensão de suas leituras, como de suas reflexões a estes diferentes horizontes, e, como na sugestão do poeta àquela época com sua indagação mais crítica, com sua indignação menos resolvida, com seu afã de liberdade mais sincero; mesmo agora, no início do novo século, em que até mesmo a implantação de um governo no Brasil, com ideais socialistas e com sensibilidade social, tem se deparado com estas instâncias de dominação mais profundas pelas quais devem ser reinterpretados o social e o político.

A compreensão desta união, que significa muito mais que “interdisciplinaridade”, tem tido crescente atenção, e embora o pensamento acadêmico contemporâneo ainda esteja muito longe da compreensão das questões propostas por estas filosofias, alguns de seus elementos entrecortam a atualidade da literatura mundial. Como exemplo estratégico, tomo aqui, a noção de desconstrução (palavra que o computador em que escrevo se recusa a dar como correta) da modernidade, como algo de que nos está admoestando a filosofia contemporânea que de Nietzsche a Heidegger faz soar em outro tom palavras como ética, política, linguagem e história.

Para além de uma construção teórica, esta aproximação entre a postura do esteta maranhense e a análise crítica da filosofia contemporânea integra uma possibilidade de leitura que, sem se distanciar das mazelas que compõem uma realidade como a maranhense, busca engajamento no âmbito da alteridade. A nossa condição de indignação diante da arte denunciará a esta busca diferentes focos de sua percepção, a relação da existência humana com o mundo, e nesta condição com seu modo de concepção e construção implicarão na escuta do enigma artístico. Quando da comemoração dos vinte anos da morte

do poeta Rainer Maria Rilke, em 1946, Heidegger proferiu em cunho privado uma conferência em sua homenagem, ali o centro da sua indagação girava em torno da missão dos poetas nos tempos de abandono em que vivemos, seu modo de propor e responder essa questão nos envia ao centro de uma meditação sobre o estado de abandono em que se encontra o espírito de nossa época. Não se trata de um reclame de um crítico de arte ou da crítica cultural, ou ainda de um exame minucioso a cerca de como nos devemos comportar diante das obras de arte, mas de um pensamento que encontra nesta indigência espiritual uma das possíveis vias interpretativas da condição a que nos é dado viver este momento de dominação planetária da concepção tecnológica, na mais absurda possibilidade de que este filosofar nos encontre sob as amarras de uma vontade subtraída de nós, no esquecimento de um modo de conceber a existência em sua possibilidade mais livre, em sua inteligibilidade mais cuidadosa.

Meditando sobre a ausência de uma relação autêntica para com a arte, forjada nas engrenagens em que nos determinou o pensamento moderno, Heidegger procura, naqueles vinte anos de ausência do poeta, um caminho de reflexão sobre este momento partindo da indagação de uma elegia de Hölderlin: *...et pourquoi des poètes en temps de detresse?*, e nesta procura quer propor ao ambiente filosófico bem mais que uma análise do momento estético pelo que estaria passando sua época, fazendo da leitura de suas análises um modo novo de conceber os fundamentos em que se determina a sociedade que oscila: entre a mais primitiva miséria e os avanços da cibernética.

Não somente o sagrado, enquanto vestígio da divindade se perde, mais ainda, os vestígios de que este vestígio perdido esteja próximo de se apagar. Mas os vestígios se apagam menos a um mortal atento ao abismo, é ele ainda capaz de estar atento a

um signo, a uma significação. (HEIDEGGER, 1996, p.324, tradução do autor).

A escuta atenta aos seus textos, quer ser um vigoroso instrumento de análise a se justapor à compreensão de que dispomos sobre a realidade contemporânea, se os seus desdobramentos chamarem a nossa investigação para uma mudança de foco, talvez seja pelo fato de que aí consista nossa morada mesma, de onde se lança a idagação. Seu percurso, que vai das *coisas mesmas* às camadas mais secretas em que se montam nossas concepções do mundo, encontrará na arte um elemento decisivo para esta reinterpretção da subjetividade elaborada na filosofia moderna.

Para além da construção teórica do mundo liberal da indústria e da técnica, assim como da sua ética e política, esta nova topografia, encontrará a arte em sua realidade que remonta às origens em que se constitui o pensamento. A partir de Heidegger este retorno não se define mais como revisionismo, nem tampouco como saudosismo, com que a filosofia irradiaria ao mundo acadêmico seu sinal de revolução ou superação, assim como as sugestões e o empenho do Pe. Mohana não significam um mero retorno ou reinício de uma época áurea ateniense para o Maranhão; mas se lá onde o pensamento se decidiu, se nas estruturas do destino arquitetado pela cultura grega para nossas vidas a dimensão estética tivesse sido distendida para lugares impossíveis à nossa compreensão, significa que devemos nos ocupar desta meditação, e talvez signifique ainda que a definitiva arrumação da estante de nossa história, não seja tão definitiva ou séria como nos tem parecido. Talvez signifique ainda que a erudição humanista e política esteja comprometida com um conteúdo que até aqui lhe tem sido estranho, apesar do convívio hamonioso e complementar em que arte e pensamento têm se definido historicamente, o lugar sugerido pela filosofia de Heidegger quer fazer pensar nos princípios para os quais se dirigem a teologia e

o conhecimento científico quando, desviando-se dos seus objetos modernamente definidos, ocupam-se da reflexão sobre suas origens.

Conduzindo seu ouvinte à investigação dos princípios onto-epistemológicos em que se resolve o moderno, o seu *pensamento preparatório*, quer sugerir uma nova literatura, assim como um novo cuidado com a que já podemos contar. A composição deste ambiente literário já pode contar, no Brasil, com significativos textos, apesar de o próprio Heidegger visualizar a pouca simpatia que o seu pensamento poderia ter nos países ditos subdesenvolvidos, sua obra tem tido um vasto eco em nosso meio, a atualidade do seu exame nos envolve na proporção que envolvidos estamos pela “noite” de que se constitui para si o momento atual. De Nietzsche a Heidegger, assim como de Graça Aranha a Mário de Andrade, o empreendimento desta possibilidade de verdade se insinua em sua tarefa de busca pelos fundamentos, quer encontrar o sentido de uma nova luta acadêmica. As pesquisas do professor Eduardo Jardim de Moraes sobre o pensamento de Mário de Andrade (*Limites do Moderno - o pensamento estético de Mário de Andrade*), vem a ser exemplo de um destes destinos em que se pode definir nossa reflexão sobre a arte e a verdade, em que o *pensamento preparatório* de Heidegger se estende para além de onde ele reconheceu não ter poder de previsão, fracasso do qual podemos depreender decisivas reflexões:

No mundo em que vivemos marcados pela presença da tecnologia, a arte está relegada a um plano secundário. Estamos afastados de sua vivência e não dispomos dos meios para pensá-la. “Máximo velamento” quer dizer que o ambiente em que vivemos se caracteriza pela acentuada indigência de tudo que a arte poderia proporcionar. [...] A arte, sendo parente, e ao mesmo tempo tão diferente da técnica ocupa uma posição

privilegiada na nossa civilização. Ela tem a possibilidade de nos conduzir através da era da técnica até seu ultrapassamento. (MORAES; RELUME, 1999, p.15).

Arte e verdade são articuladas em dimensões que estão para além dos desígnios a estes termos concedidos pelo pensamento moderno. O *fim da arte* proclamado por Hegel e reinterpretado por Heidegger servirá de base à sua pesquisa sobre o pensamento estético de Mário de Andrade, neste vínculo o professor examina o estado de abandono que nossa experiência reserva no momento contemporâneo à arte. Não se trata de um reclame acerca das condições em que nos divertimos ou nos entretemos da existência, tampouco de uma crítica sobre o gosto com que a contemporaneidade se dirige às coisas belas, mas de uma reflexão que, conduzida da filosofia estética de Kant às conclusões contemporâneas do autor de *Ser e Tempo*, enuncia pelas perdas implicadas no processo de constituição moderna, instâncias esquecidas com que a existência humana se constitui. Em meio a um mundo estetizado pelas exigências da produção tecnológico-industrial, que nos reduz a consumidores, sua pesquisa enuncia o escritor modernista em sua contribuição crítica para a compreensão deste fenômeno do fim da arte.

Deste encontro da reflexão filosófica com o posicionamento de autores que denunciam a situação de perda em andamento na montagem atual do mundo cultural, resulta uma profunda revisão pela qual deverá passar a experiência humana como um todo. Na medida em que estas formas de pensamento nos colocam em contato com vivências esquecidas de que ele se constitui, elas nos ensinam que o debate sobre a política e a ética retrai-se também a esses domínios da reflexão, ofuscados pela eficácia com que a civilização resolve a vida moderna. A memória exaltada neste momento, que remonta a esta relação ausente com a arte, desloca a cena intelectual

para experiências expulsas de si pelo projeto moderno de constituição do pensamento. Neste sentido o posicionamento da filosofia contemporânea surpreende as soluções que dela esperam as ciências políticas e humanistas, seja pelo esgotamento com que demonstram estas últimas em suas habilidades atuais, seja pela possibilidade estranha de que a solução destes problemas se retire, como na Grécia antiga, para longe do que dela pensa a seriedade e a competência das instituições e doutrinas que as administram.

No Maranhão, continuamos a espera da “excelente safra de profissionais da música” (O IMPARCIAL, 1981), que o pe.Mohana gostaria de ver executando os tesouros que ele resgatara de nossos escombros, e para além disso podemos juntar a particularidade da nossa problemática ao projeto maior da compreensibilidade filosófica, captando-as como as reflexões de que são feitas nossas esperanças, ou como a espera de quem, pensando reencontra o sentido. Deste modo alarga-se nossa disposição em compreender a ação deste teólogo-artista, cuja contribuição à literatura e ao teatro, às reflexões sobre o cinema e a música, assim como sua convicção sobre a ênfase na dimensão estética do apostolado, permanecem como viva referência na condução das nossas atividades acadêmicas.

Com esta preocupação, terá tido a obra do Pe. Mohana, um papel hermenêutico definitivo, ela terá sido um desdizer constante desta perda, sua contribuição de esteta para a Igreja e para o Estado do Maranhão será a sugestão de um reencontro, de um recomeço, em que ganharia novo sentido a luta destes povos, que já expulsam arte e pensamento, antes que dele tenham feito parte integralmente. Reler estas idéias significará uma abertura aos horizontes em que o compromisso intelectual assuma sua significação mais libertadora. Reinterpretar o tempo perdido é uma das mais importantes atividades de que se deve ocupar a intelectualidade contemporânea, porque a perda em que se mostra a educação e a cultura do Maranhão, corre o

perigo de ser desdita, de ser dita do mesmo modo que dela se diz nas repartições e instituições públicas, tão indolentes quanto corruptas em sua época, que é ainda a nossa, e tão criticadas pelo nosso padre, e neste sentido cairmos no amortecimento da fala burocrática em que estes termos são enfraquecidos, e enfraquecido com eles seu significado.

A este risco, da conscientização e da luta, devem corresponder nossos esforços de compreensão. Seu ensinamento se aproxima, embora por diferentes vias, daquelas filosofias que, descobrindo um nexos mais profundo de entendimento da civilização, descobriram que o perigo de uma época guarda, vela, o que o põe em perigo, em cuja descoberta consiste nossa tarefa.

Este caminho, portanto, abriga a sugestão do encontro com o pensamento filosófico, talvez porque os poetas, e os profetas guardem ainda em seu fazer, o segredo do fim dessa “noite”, mesmo que ele venha sob a forma da denúncia de sua indigência; o resgate e redimensinamento cultural do Maranhão tem muito a reaprender, no difícil, caminho de suas dunas e ruínas, com um comprometimento maior de sua busca de uma atenção renovada a já antigos pensadores a quem nos devem conduzir estas esquinas e lagoas.

#### REFERÊNCIAS

BRIGHENTE, Agenor. **A Igreja do futuro e o futuro da Igreja**. São Paulo: Paulus, 2002.

MORAES, Eduardo Jardim; RELUME, Dumará. **Limites do moderno**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1999.

HEIDEGGER, Martin. **Chemins qui ne mènent nulle part**. Paris, Gallimard, 1996.

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1989.

MOHANA, João. **A Cristo por Paulo**. Rio de Janeiro: Agir, 1985. 168p.

\_\_\_\_\_. **A grande música do maranhão**. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

\_\_\_\_\_. **Plenitude humana**. Porto Alegre: Globo, 1983.

WISSER, Richard. Entrevista pelo 80<sup>o</sup> aniversário de Martin Heidegger. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, out. 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da tragédia no espírito da música. In: \_\_\_\_\_. **Obras incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção os Pensadores).

CULT. **Entrevista com Ferreira Gullar**, n. 17, p. 8, ago. 2002.

NUNES, Benedito. **Passagem para o poético**. São Paulo: Ática, 1992.